

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

DAIANA DOS SANTOS MACEDO

**AS DIVERSAS OPERÁRIAS DA IMPRENSA RIO-GRANDENSE NA PRIMEIRA
REPÚBLICA**

Porto Alegre

2021

DAIANA DOS SANTOS MACEDO

**AS DIVERSAS OPERÁRIAS DA IMPRENSA RIO-GRANDENSE NA PRIMEIRA
REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão apresentado para a
obtenção do título de Licenciatura em
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prfa. Dra. Clarice Gontarski
Speranza

CIP - Catalogação na Publicação

Macedo, Daiana dos Santos
AS DIVERSAS OPERÁRIAS DA IMPRENSA RIO-GRANDENSE NA
PRIMEIRA REPÚBLICA / Daiana dos Santos Macedo. --
2021.
51 f.
Orientadora: Clarice Gontarski Speranza.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Industrialização no Rio Grande do Sul e o
surgimento da figura da operária. 2. A trindade
feminina- As diferentes representações da mulher na
imprensa. I. Gontarski Speranza, Clarice, orient. II.
Titulo.

DAIANA DOS SANTOS MACEDO

**AS DIVERSAS OPERÁRIAS DA IMPRENSA RIO-GRANDENSE NA PRIMEIRA
REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão apresentado para a
obtenção do título de Licenciatura em
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prfa. Dra. Clarice Speranza

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Prfa. Dra. Clarice Gontarski Speranza- Orientadora- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul-UFRGS

Prfa Dra. Mara Cristine de Matos Rodrigues-Universidade Federal do Rio Grande do
Sul-UFRGS

Profa. Ms. Caroline Duarte Matoso- Universidade Federal do Rio Grande do
Sul-UFRGS

Porto Alegre, 2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Sirlei Deotti, a minha mãe que sempre me apoiou e me incentivou e que aguentou os meus “pitis” durante a elaboração do TCC. A minha irmã Débora que sempre me deu força em todos os projetos que eu iniciava.

Agradeço à minha orientadora Clarice Speranza que aceitou me orientar nesse TCC, sempre me dando os melhores conselhos e que aguenta as minhas “viagens” nesse projeto.

Agradeço a profa. Dra Isabel Bilhão que deu a sugestão de usar o jornal A Democracia para essa pesquisa, muito obrigada por essa dica, foi um conselho de ouro que enriqueceu o meu trabalho. Agradeço também ao Prof. Dr. Frederico Bartz que além de me ceder a versão digitalizada das edições de A Democracia, também me passou edições de outros jornais, incluindo O Exemplo que também usei na minha pesquisa, você “salvou o meu pescoço” durante a pandemia.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial, à Maria do Carmo, Gabriela Gnoatto a.k.a A Gringa e a Paula Machado, vocês meninas tornaram esses anos na graduação mais leves e muito mais divertidos.

RESUMO

O presente trabalho investiga as representações que a mulher operária teve na imprensa rio-grandense durante o período da Primeira República. Ele compreende uma discussão historiográfica sobre a mulher na classe trabalhadora brasileira, bem como de debates sobre gênero e classe. As fontes analisadas foram selecionadas de três periódicos, de públicos e perfis distintos: *O Exemplo*, *A Democracia* e *A Federação: Orgam do Partido Republicano*. Busca-se através dessa pesquisa analisar como a operária era retratada nos meios de comunicação da época. Como resultado do trabalho, verificou-se diferentes tipos de representação da mesma operária.

Palavras chaves: Operária. Imprensa. Trabalhadora. Primeira República.

ABSTRACT

The present work investigates the representations that the worker woman had in the press of Rio Grande do Sul during the period of the First Republic. It comprises a historiographical discussion about women in the Brazilian working class, as well as debates about gender and class. The sources analyzed were selected from three journals of different audiences and profiles: *O Exemplo*, *A Democracia* and *Federação: Organ do Partido Republicano*. This research seeks to analyze how the worker woman was portrayed in the media of the time. As a result of the work, there were different types of representation of the same worker woman.

Keywords: Labor, women, Press. First Republic.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capítulo 1. Industrialização no Rio Grande do Sul e o surgimento da figura da operária	13
1.2 A operária da historiografia	15
1.3 Algumas questões sobre classe e gênero	21
Capítulo 2. A trindade feminina- As diferentes representações da mulher na imprensa	27
2.1 Pobre operária! Quem poderá defendê-la?!	28
2.2 A operária que trocou o seu lar pela Fábrica	35
2.3 A operária ladra: A mulher que roubava os empregos dos homens	39
Considerações finais	42
Fontes	45
Bibliografia	46
Anexos.....	49

INTRODUÇÃO

As representações da mulher ao longo da história variam da pecadora à santa. Essas representações do sexo feminino são antigas e muitas delas ainda perduram na atualidade. Em certos momentos, a mulher é associada a Eva, responsável pela queda do homem, o agente desestabilizador. Se o homem é a ordem, a mulher seria a desordem; a ideia da mulher criminosa ou manipuladora, a mulher como Perrot (1988, p. 178) cita “que “puxa” os fiozinhos dos pobres homens”, que seriam marionetes fáceis nas delicadas mãos femininas.

O outro lado dessa moeda seria a mulher santa, símbolo de pureza, musa inspiradora. A mulher não poderia ser a fonte de todo o mal, então essa outra mulher apresentada para sociedade tinha uma missão: a missão civilizadora, com a função de educadora. Era a “rainha do lar”, cabendo a ela a responsabilidade da educação dos futuros cidadãos da nação. Essa mulher construída pela perspectiva masculina, seria uma mulher obediente, submissa, frágil, que precisa constantemente da proteção e orientação do homem, tendo a sua esfera de ação restrita ao lar e como papel principal o de “boa” esposa e mãe.

É possível encontrar esse estereótipo de mulher presente no imaginário da sociedade gaúcha da Primeira República. A influência do positivismo reforçou ainda mais esse ideário criado entre as classes mais abastadas, que passou a ser adotado pelas demais. Com a expansão das fábricas, que ocorria nesse período aqui no Brasil, um grande número de homens, crianças e mulheres foram absorvidos como trabalhadores e trabalhadoras pela nascente indústria e com isso, ocorre um aumento da presença feminina no universo operário, o que foi notado pela sociedade e pelos veículos de comunicação da época.

É importante salientar que o fato das mulheres estarem entrando para o mercado de trabalho juntamente com os homens na indústria, não significa que elas não trabalhassem antes disso. A mulher sempre trabalhou, seja como lavadeira, cozinheira, ou cuidando de outras crianças, idosos e outras pessoas, ou seja, o

trabalho nunca foi um elemento estranho na vida da mulher, apesar de existir uma ideia de que esse tipo de trabalho, o trabalho doméstico¹, não seja importante.

Na imprensa rio-grandense da Primeira República é possível notar algumas representações da mulher operária. Há um grande debate sobre o conceito de representação dentro da historiografia. O autor Coelho (2014) afirma que as representações são construções sociais da realidade, onde os sujeitos fundamentariam as suas visões de mundo a partir dos seus interesses. Ainda para o autor compreender as representações dos grupos seria compreender como o mundo deles é construído socialmente.

Essa pesquisa pretende examinar representações da mulher operária em periódicos da imprensa positivista (burguesa), imprensa negra e operária rio-grandense, analisando quais eram as imagens e os pontos de divergência e convergência entre as construções sobre o feminino presentes nesses diferentes jornais. O período selecionado para pesquisa foi a Primeira República, pois nesse momento começara uma grande demanda da mão de obra feminina dentro das fábricas no Brasil, incluindo o Rio Grande do Sul, e a mulher trabalhadora começou a ganhar mais atenção da imprensa.

Foram selecionados para essa pesquisa três jornais que circulavam no período da Primeira República em Porto Alegre: *A Federação: Orgam do Partido Republicano*, *A Democracia* e *O Exemplo*. Passo a seguir a fazer algumas considerações sobre cada um dos três periódicos.

A Federação: Orgam do Partido Republicano foi fundado em 1884 em Porto Alegre como órgão oficial do Partido Republicano Riograndense (PRR). Em suas páginas, os presidentes do estado e também líderes do PRR, Júlio de Castilhos e Antônio Augusto Borges de Medeiros assinaram editoriais e publicaram declarações sobre os principais acontecimentos da época. *A Federação* desapareceu junto com o PRR, extinto por decreto a 2 de dezembro de 1937, logo após a decretação do Estado Novo². A escolha desse jornal se deve pelo fato de ser um jornal da burguesia positivista rio-grandense, que embora pregasse a inclusão dos

¹ Sobre a discussão do trabalho doméstico ver SOUZA, 2015.

² Federação, A. Acervo CPDOC Fundação Getulio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/federacao-a>. Acesso em: 16 de abr. de 2021.

trabalhadores na sociedade, trazia um olhar mais elitista e autoritário sobre os operários.

O segundo periódico escolhido foi *A Democracia*. Semanário socialista, porta-voz da Comissão Provisória do Partido Operário Rio Grandense, surgiu em 1º de maio de 1905. Seus fundadores foram Francisco Xavier da Costa e Paulino Diamico o jornal teve 65 números publicados entre 1º maio de 1905 e 12 de agosto de 1907 (PETERSEN, 2007). Uma das características comuns dos veículos de comunicação militantes da Primeira República, apontada por Bilhão (2016), é a falta de regularidade tanto na periodicidade quanto no número de páginas. A escolha desse periódico para a pesquisa se deve a importância que ele teve junto aos trabalhadores socialistas da cidade de Porto Alegre e do movimento operário.

O terceiro periódico escolhido é *O Exemplo*. Surgiu em 1892 e teve como os seus primeiros diretores Aurélio Bittencourt Jr. e Sérgio de Bittencourt. Foi porta-voz da comunidade negra de Porto Alegre. O periódico passou por três fases, encerrando as suas atividades no ano de 1930 (MULLER, 2016). A escolha por esse periódico se deu pela intenção inicial de querer fazer um recorte racial na pesquisa e tentar descobrir mais sobre a operária negra.

Ao usar periódicos como fonte historiográfica, há diversos pontos a serem discutidos. Cláudio Pereira Elmir (2012) e Tania Regina de Luca (2008) trazem reflexões valiosas sobre a metodologia a ser aplicada para esse tipo de fonte em uma pesquisa histórica. Ambos travam uma discussão sobre o uso da imprensa, ressaltando ao historiador alguns pontos que devem ser considerados durante a sua investigação.

A preocupação sobre o uso de jornais na história era tanta que Luca (2008) ressalta que até a década de 1970, era menosprezada a importância desses impressos como documento histórico. Alguns historiadores consideravam os jornais como fontes imprecisas, tendenciosas. Elmir (2012) pontua que há uma questão metodológica que merece a atenção do historiador, no que diz respeito à forma como iremos interpelar essa fonte, pois o jornal pode ser uma fonte traiçoeira. Ao pensar que um periódico é apenas uma fonte de informações dos acontecimentos, isenta de qualquer juízo de valor, o pesquisador pode cair em uma “armadilha” ao não fazer a devida crítica documental.

Então, ao lidar com a imprensa, o pesquisador deve ter atenção para não fazer um uso ingênuo dessa fonte³. Elmir cita duas maneiras de se ler um periódico para uma pesquisa histórica

Uma delas, aparentemente mais simples, consiste em tomá-lo (1) como fonte de informação. A segunda delas, aparentemente mais complexa, faz dele (2) objeto intelectual da pesquisa. Evidentemente, nenhuma das duas exige o pesquisador de realizar a indispensável crítica do documento. O que pode ocorrer, entretanto, é que, ao extrair do jornal “informações” sobre um tema por ele abordado, seja negligenciada a devida crítica interna. Atribui-se equivocadamente à informação valor neutro, desconsiderando-se as suas condições de produção e a carga subjetiva mantida por toda e qualquer fonte. Nesse sentido, a ausência de contextualização funciona como uma espécie de perigoso salvo-conduto emitido pelo investigador, que poderá acarretar a ele, no uso feito do jornal, uma série de equívocos involuntários. (...) Na segunda acepção (..) Nesse caso, ele deixa de ser – segundo aquela visão ingênua a que nos referimos anteriormente – um mero continente de onde se extrai um conteúdo a ser, simplesmente, transposto, de uma narrativa a outra: da narrativa jornalística à narrativa historiográfica. Se o jornal se transforma, para o pesquisador, em objeto intelectual ... (ELMIR, 2012 p. 79-80)

Ao se utilizar de um jornal como uma fonte para pesquisa histórica, o historiador precisa colocar em contexto todas as informações que aquele texto está passando, fazendo o uso de outras fontes e informações sobre o objeto que está sendo pesquisado, a fim de possa ter uma visão mais global dos fatos que estão sendo estudados. E não usar o jornal como fonte da verdade absoluta.

O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da sua análise que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento. Questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa (LUCA, 2008). Luca sugere ao pesquisador/historiador que se deve

encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série, localizar as publicações na história da imprensa, atentar para as características de ordem material, assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo, caracterizar o material iconográfico presente, caracterizar o grupo responsável pela publicação, identificar os principais colaboradores e o público a que se destinava a publicação, identificar as fontes de renda e analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida. (LUCA, 2008, p. 142)

³ Para Luca (2008), o uso ingênuo do jornal, consistiria em tomar todos os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador.

Nesse passo a passo sugerido pela autora são levados em consideração questões mais práticas, como o grupo responsável pelas edições, os autores do texto, o público para o qual aquelas publicações estavam sendo dirigidas, isso daria ao pesquisador um melhor embasamento no momento de analisar as fontes. Infelizmente devido ao caráter limitado desta pesquisa (um TCC) não consegui colocar em prática todas as sugestões dos autores Luca e Elmir, no entanto, foi através dos elementos proporcionado por ambos que partiram as minhas reflexões para análise da minha pesquisa.

Para essa pesquisa, foram selecionados quatro textos de *A Democracia*, dois publicados em *A Federação* e três em *O Exemplo*, entre os anos de 1905 a 1919. Os dois últimos jornais estão disponíveis no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital Brasil, para fazer a seleção dos textos foi utilizado a ferramenta Pesquisa para encontrar textos sobre a mulher operária e trouxessem alguma imagem dessa trabalhadora. Já no jornal *A Democracia*, foi realizada uma leitura em todas as 65 edições do jornal que me foram cedidas por Frederico Bartz, na qual usei os mesmos critérios dos outros dois jornais para fazer a triagem dos artigos. Todos os textos foram escritos, com base nas assinaturas que aparecem nos textos por homens, com exceção dos textos do jornal *A Democracia* que não possuem uma assinatura.

A pesquisa será dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo faço uma revisão bibliográfica breve com algumas autoras que trabalham com a questão operária no Brasil, em especial sobre a Primeira República e o trabalho feminino, e posteriormente apresento uma discussão teórica sobre gênero e classe, sempre mantendo um diálogo próximo com a fonte empírica. No segundo capítulo, analiso mais profundamente as fontes selecionadas para pesquisa a partir da ocorrência nos textos de estereótipos ligados ao feminino.

Espera-se que o presente estudo possa contribuir um pouco mais para historiografia, em especial o campo da história do trabalho que tem como objeto de estudo a mulher operária.

1. INDUSTRIALIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL E O SURGIMENTO DA FIGURA DA OPERÁRIA

“ Fácil foi de reconhecer que a necessidade de ganhar o pão fazia com que a desventurada mulher, solicitada pelos filhos e procurando evitar maiores males, expunha-os a deformação física, a depravação resultante da ignorância e da ociosidade a que os deixava entregues. Descobertos os caminhos ainda mais fácil foi ver que iguais cuidados ao dessa triste mãe de passar um dia inteiro fora de casa punham o coração de um sem número de mulheres da classe que vive do trabalho diário”

Currello de Mendonça, *A Democracia*, 12 de agosto de 1907.

Na virada do século XIX para XX, o Brasil começa o seu processo de industrialização com o surgimento das primeiras fábricas. Evangelina Aravanis (2010) explica que a industrialização no Rio Grande do Sul nesse período se situa em dois pólos produtores, um fica em Rio Grande e Pelotas e o outro localizado nas regiões de Porto Alegre, Caxias do Sul e Vale do Rio do Sinos.

Esses dois pólos tinham características que os diferenciavam. No primeiro, em Rio Grande, as fábricas possuíam uma maior tecnologia e pouca diversidade de ramos industriais, enquanto que em Pelotas se destacava a indústria de grande porte e com tecnologia, mas também com pequenas unidades artesanais. No segundo pólo (Porto Alegre, Caxias e Vale dos Sinos) as características se aproximavam de Pelotas, tendo porém um número maior de unidades artesanais e com uma maior diversidade no ramo industrial. (ARAVANIS, 2010)

A autora destaca ainda que em Rio Grande as indústrias se voltaram para o mercado nacional com pouco produtos, atuando basicamente na tecelagem, indústria de fumo e alimentícia. Em Pelotas as indústrias maiores também tinham como foco o mercado nacional, enquanto que as unidades menores se voltavam mais para o mercado local. Já o segundo pólo era voltado no início para as necessidades de consumo da população da zona colonial, e somente após ter se consolidado neste mercado é que se direcionou para o mercado nacional

Juntamente com o homem, crianças e mulheres também se tornam presenças comuns dentro das fábricas. Evangelina Aravanis cita que houve , “um crescimento numérico da mão de obra operária nestes espaços, bem como a significativa presença feminina e infantil, aos quais eram pagos baixos salários”(2010, p.155). Nas primeiras décadas do século XX, a mulher esteve presente nas indústrias têxtil, calçadista, de vestuário, cigarros e charutos, fósforo e alimentícia do Rio Grande do Sul.

Nesse momento também começam a se fortalecerem os sindicatos no Brasil. Batalha (2000) destaca que desde do século XIX, em particular, a partir da segunda metade do século XIX, os trabalhadores urbanos mais qualificados já se organizavam em sociedades de socorro mútuo. No fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, teriam surgido os sindicatos operários que se preocupavam com questões como a jornada de trabalho, condições do ambiente de trabalho,

salário, dentre outras demandas. Havia três tipos de sindicatos: as associações pluriprofissionais onde havia operários de diferentes ramos, sociedade por ofício onde se reuniam apenas operários do mesmo ofício e os sindicatos por indústrias. Ainda segundo Batalha muitas dessas organizações faziam parte de federações operárias locais ou estaduais. No Rio Grande do Sul em 1906 surge a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), segundo o autor Castelucci (2019), os socialistas além da grande influência no movimento operário em Porto Alegre, também foram um dos responsáveis pela fundação da FORGS e mantiveram a sua hegemonia nessa organização até 1918.

Nesse período começam os movimentos operários e as primeiras greves gerais. Castelucci cita alguns pontos em comum das greves nesse período: a carestia dos alimentos, a influência da Revolução Russa em 1917 nas correntes socialistas e anarquistas do Brasil e outro ponto seriam as pautas em comum que essas greves tinham como a redução da jornada de trabalho para 8 horas e aumento salarial, dentre outros. Neste contexto emerge a figura da mulher operária nas fábricas.

1.2 A OPERÁRIA NA HISTORIOGRAFIA

Nas últimas décadas, vem crescendo o número de estudos sobre o movimento operário e sobre a mulher operária no Brasil. Esses estudos acabaram gerando diversas discussões importantes sobre a atuação feminina dentro dos movimentos operários, o impacto da sua presença no mercado de trabalho, as dificuldades enfrentadas por essas mulheres e contribuem para que a historiografia dê voz a uma figura que há pouco foi ignorada. Dentre os vários trabalhos, pode-se destacar o trabalho de Isabel Bilhão, que traz uma interessante análise da trabalhadora no movimento operário no Rio Grande do Sul.

Em pesquisa de 2005, Bilhão apresenta uma discussão sobre a mulher operária gaúcha na Primeira República que nos permite compreender um pouco melhor o universo em que ela estava inserida. A autora afirma que com o aparecimento e expansão de novas fábricas, especialmente as têxteis e alimentícias,

as mulheres começaram a se tornar mais visíveis nos espaços públicos e nos locais de trabalho. Ressalta também que

(...) as mulheres porto-alegrenses começaram a entrar no mundo do trabalho no momento em que as oficinas estavam dando lugar às fábricas e elas passaram a trabalhar em um ambiente onde as relações interpessoais e o aumento da distância entre os donos de empresa e os funcionários possibilitaram o desenvolvimento de práticas que permitiam uma exploração ainda maior do trabalho. (BILHÃO, 2005, p. 157)

As mulheres eram uma mão de obra muito explorada dentro das fábricas; os seus salários eram mais baixos quando em comparação aos dos homens e a própria estrutura das fábricas facilitava que houvesse um distanciamento maior nas relações interpessoais, fazendo com que essa exploração da mão de obra acontecesse com uma maior facilidade. Com a entrada da mulher nas fábricas, ocupando ainda mais o espaço público e o que antes era considerado um território masculino, a mulher tornou-se mais visível nessa sociedade.

Sendo impossível ignorar essa presença feminina, esta começou a aparecer na imprensa da época em discussões sobre seu papel e seu lugar na sociedade. Conforme Bilhão, além dos debates, via imprensa, também eram abordados os riscos e as consequências que haveria para sociedade de as mulheres estarem trabalhando nas fábricas. No texto do Jornal *A Democracia* escrito no dia 12 de agosto de 1907 por Currello de Mendonça, e publicado como epígrafe deste capítulo, um dos riscos que poderia ocorrer seria o abandono familiar. Em outro trecho, o autor ressalta a sua preocupação ao afirmar que

(...) veio saber que a pobre mãe, sendo obrigada a trabalhar longe de casa e temendo que a filha mais velha, por descuido ou cansaço deixasse cair o irmão (...) Quem poderá dizer que no Brasil, sobretudo nas suas maiores cidades não há dessas crianças abandonadas e dessas infelizes e mães oprimidas pelo trabalho(...). (p.03, grifo meu)

Neste texto, a mulher, ao ser obrigada a trabalhar fora de casa, estaria deixando os seus filhos pequenos sem alguém responsável para cuidá-los e para educá-los, e essas crianças estariam sendo “abandonadas”, segundo Mendonça. Cabe destacar aqui uma das particularidades da construção da figura feminina no Rio Grande do Sul na época: sob forte influência do ideário positivista, foi conferido à

mulher uma “superioridade espiritual” sobre os homens, atribuindo-lhes como funções fundamentais, a maternidade, a manutenção do lar e instrução dos filhos (ISMÉRIO, 1995 apud BILHÃO, 2005, p.165). Essas funções eram o corolário da mulher, sob o título de rainha do lar, o maior trabalho da mulher era dentro do seu lar e com sua família.

Para Joana Pedro (2004), a predominância das ideias positivistas significou a repetição dos mesmos papéis homogeneizadores femininos e masculinos, deixando bem visível as atribuições de cada um. Assim, a saída da mulher do lar para o trabalho significaria um abandono de suas funções domésticas.

Além da ideia de que a família corria riscos pela mulher estar trabalhando fora do lar, havia um outro medo recorrente que rondava o imaginário daquela sociedade: o perigo que a honra feminina poderia estar correndo. Havia um certo receio de que as mulheres que estivessem trabalhando na fábrica fossem presas fáceis aos seus patrões, podendo ter a sua honra e moral corrompida pelos seus patrões ou qualquer outro homem que trabalhasse na fábrica. Em um texto do jornal *O Exemplo*, do dia 16 de abril de 1916, o autor cita os vários problemas que existiriam com o fato da mulher estar trabalhando na fábrica, sendo um deles justamente o perigo que a honra de um mulher pudesse correr. No texto é mencionado que “cedeu a infeliz, uma vez, à concupiscência do patrão, do gerente ou de qualquer outro explorador, não mais resiste a outros ataques: vai cedendo... acaba prostituindo-se” (p.02), ao entrar para trabalhar em uma fábrica essa mulher estaria a mênrcce das investidas masculinas e como o próprio texto cita, a mulher eventualmente cederia a esses homens, tendo a sua honra corrompida.

Só o fato dessas mulheres estarem em um ambiente considerado masculino já era visto como um problema. Bilhão comenta o fato dessas mulheres ficarem expostas às regras de conduta masculinas, a homens que poderiam ofendê-las ou até mesmo desonrá-las ou de ficarem expostas a “palavras de baixo calão”(2005,p.160), tudo isto era visto como um risco.

Essa preocupação acerca do perigo do assédio que as mulheres poderiam sofrer ao ir trabalhar nas fábricas também provêm da imagem que se possuía da mulher. Margareth Rago (2004) cita que as operárias muitas vezes surgiram como “mocinhas infelizes e frágeis”, aparecendo desprotegidas e emocionalmente vulneráveis, se tornando presas da ambição masculina. E isso se deve a uma

construção da representação feminina feita pela ótica masculina. Caroline Matoso e Luana Ledermann (2019), em artigo recente, argumentam no mesmo sentido, ao observar que os discursos da mulher “frágil, dócil e obediente” estavam presentes nas relações interpessoais no universo fabril e nessa concepção a mulher frágil precisava de proteção.

Além desses riscos, também havia a preocupação de que as mulheres passassem a tirar os empregos dos homens. A realidade é que havia um grande número de mulheres trabalhando nas indústrias e, como o que já foi citado anteriormente, a mão de obra feminina tinha um custo mais baixo que a masculina, algo que aos olhos dos empresários representava uma vantagem maior. Ao trazer dados das cidades de São Paulo e do Distrito Federal durante o período da Primeira República, Rago (2004) também reforça esse fato ao ressaltar o número significativo de mão de obra feminina e infantil nas fábricas. Por ser uma força de trabalho abundante e barata, acabava sendo bastante lucrativo para os industriais.

Em texto publicado no jornal *O Exemplo*, em abril de 1916, ao denunciar a exploração da mão de obra feminina e infantil dentro das fábricas também é vocalizada a preocupação da perda dos empregos dos homens para as mulheres, o autor ressalta

“De todas as questões que o nosso operariado, os nossos propagandistas, que deviam se ocupar com mais dedicação, com mais ardor, porque é uma das questões que se prendem à nossa situação de classes exploradas, é sem dúvida alguma, a *questão das mulheres e crianças nas fábricas*, (...) os capitalistas industriais modernos, assentam a sua exploração, no trabalho das mulheres e crianças, *no duplo intuito de de pagar menos*, não ter quem proteste, *porque mulheres e crianças nunca protestam* (...) A história do capitalismo é a história da substituição. A exploração que se faz do braço das mulheres e das crianças, além de pôr em contato com os industriais as mulheres e facilitar o assalto, *afastar para longe o homem, tiram-lhe o trabalho, empurram-no para rua* (...) mas quem de nós viveu na fábrica, viu *suprimir o trabalho do homem e encher as fábricas de mulheres* (...)” (Mariano Garcia, p.02, grifo meu)

Para o autor do artigo, um dos motivos para os homens perderem os seus empregos era a entrada das mulheres na fábrica, o que teria “suprimido” o trabalho dos homens, pois essas além de serem mão de obra mais barata, também não entravam em conflito com o patronato para lhes exigir uma melhoria no trabalho. No entanto, ao contrário do que o trecho acima retrata, muitas mulheres do período participaram ativamente do movimento operário e lutaram por melhorias nas

condições de trabalho, protestando por aumento da remuneração e jornadas de trabalho melhores. A presença feminina das mulheres nas greves da Primeira República contradiz a imagem apresentada na imprensa.

Glaucia Fracaro (2018), por exemplo, observa que as greves operárias de 1917, em São Paulo, se tornariam o símbolo não só da miséria social vivida pela classe trabalhadora no período, mas também de rebeldia e revolta de mulheres e homens que compunham a força de trabalho da cidade. A autora também afirma que as mulheres naquela época eram 34% da força de trabalho das fábricas em São Paulo. No setor têxtil, o número de empregadas superava o dos homens. A sua presença já era impossível de não ser vista.

A imprensa, a partir desse período, passa a falar do trabalho das mulheres em fábricas com mais assiduidade. Para Joan Bak (2003), essa atenção da imprensa à trabalhadora gaúcha surgiu antes mesmo da Greve Geral de Porto Alegre de 1906. Em outubro de 1906, trabalhadores urbanos de Porto Alegre organizaram uma das primeiras greves gerais no Brasil. A greve durou 21 dias e em torno de 3 mil homens e mulheres aderiram à greve⁴. Eles e elas pararam a produção e foram às ruas reivindicando jornada de trabalho de 8 horas

A presença das mulheres foi extremamente importante para que a greve desse certo. Conforme Bak (2003), os operários sabiam da posição estratégica das mulheres trabalhadoras em grandes estabelecimentos industriais e era relevante ganhar a sua adesão. Fraccaro (2018) afirma que a participação das operárias era parte fundamental da negociação dos conflitos, como foi durante a Greve Geral de 1917⁵.

Como o que já foi ressaltado anteriormente, a presença da operária já estava sendo percebida pela imprensa gaúcha antes mesmo da greve de 1906. Bak ressaltava esse fato ao mencionar que os comentaristas de jornais da época já tinham começado a perceber as mudanças de funções na vida da mulher urbana dentro do espectro de classes. A imprensa teria sido rápida em registrar a nova presença das trabalhadoras na força de trabalho da cidade e no movimento grevista. E mesmo assim, quando a greve de 1906 “estourou” em Porto Alegre, muitos teriam ficado

⁴ Sobre este movimento, ver SCHMIDT (2005).

⁵ Sobre a Greve Geral de 1917 ver ALDRIN (2019) e BATALHA (2000).

surpresos com o grande número de mulheres que estavam participando do movimento⁶.

Essas mulheres operárias tiveram a sua imagem construída pela imprensa da época. Durante essa greve, a imprensa gaúcha fez uso das imagens de gênero para inculcar nos grevistas o que seria um comportamento “bom” e o que seria um comportamento “ruim” para o trabalhador, sendo que as trabalhadoras foram os modelos positivos usados pelos jornais.

Essas mulheres teriam ficado no meio de três representações vívidas e públicas:

(...) As mulheres, então, eram associadas com um comportamento de ordem, e os homens, com o de desordem. (...) A segunda representação apareceu no jornal oficial do Partido Republicano, A Federação. Esse jornal elevava uma moça trabalhadora da fábrica têxtil ao nível de heroína cívica por ter terminado seu relacionamento com seu namorado devido ao fato de que ele apoiava a greve(...) Apresentando esse relato para edificação do público, o órgão do partido oficial tornou uma mulher modelo do “bom trabalhador” (...). Desde a perspectiva dos empresários e do Estado, era útil ter tais mulheres nas fábricas se (como nesse caso) elas fossem firmes e contra a pressão da greve e utilizassem sua influência moral tradicional sobre os homens para tentar frear o comportamento desordeiro masculino. (...) A terceira representação das mulheres no movimento grevista era visivelmente cativante.(...) as mulheres foram consideradas corajosas, ensinando “o sexo forte” a enfrentar seu medo de voltar ao trabalho. Enquanto as mulheres adquiriam a virtude da coragem, tradicionalmente masculina,(...). A hierarquia tradicional de gênero foi parcialmente invertida, classificando as mulheres como trabalhadoras corajosas e modelo, mas contudo foi sustentada parcialmente por identificá-las com a virtude e a ordem. (BAK, 2003, p. 215-216)

Essas três representações: a ordem, a boa trabalhadora e a corajosa que apareceu na imprensa da época, foi usada pelos patrões e pelo Estado para atender aos seus propósitos e dar fim na greve. Segundo a autora, essas três representações estavam baseadas em mulheres que se opunham à greve. Essa ação da imprensa gaúcha mostra algumas representações da mulher operária, representações com um viés “educador”.

Através dessa rápida revisão bibliográfica, pretendi apresentar uma visão um pouco mais ampla sobre a questão da operária na Primeira República. O próximo subcapítulo tratará dos conceitos de classe e gênero, que acredito serem

⁶ De acordo com Bak (2003) a greve geral serviu para evidenciar o grande número de mão de obra feminina que existia, pois levou para as ruas as trabalhadoras, mostrando essa realidade para a sociedade. A autora ainda afirma que as trabalhadoras se uniram à greve cedo e como um grupo.

fundamentais para se compreender um pouco melhor a representação da mulher operária na imprensa.

1.3 QUESTÕES DE GÊNERO E CLASSE

O conceito de classe é central para os estudos dos mundos do trabalho e também da questão envolvendo as relações entre o operário e a operária. A classe acaba se tornando um conceito central para se trabalhar, pois permite ter uma compreensão mais profunda sobre esses trabalhadores e trabalhadoras, sobre as relações sociais das quais eles estão imersos e também sobre as suas identidades. Para Thompson (1965), classe é uma categoria histórica, ou seja, deriva de processos sociais através do tempo. O que nós conhecemos como classe reflete o fato de que pessoas se comportam de uma maneira classista.

Ao discorrer sobre o conceito de classe, o autor cita que no seu sentido heurístico, a classe é inseparável da noção de “luta de classes”. Para ele

(..) as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados) identificam os nós dos interesses e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmos como uma classe, vindo, pois a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico. Mas se adotarmos uma concepção estática da categoria de classe ou se fizermos descender o nosso conceito do modelo teórico preliminar de totalidade estrutural, não procederemos assim, pois estaremos subentendendo que a classe está presente desde o início como resultado de relações de produção, daí derivando a luta de classes. (THOMPSON, 1965, p. 274)

O autor vai numa direção oposta ao conceito de classes para explicar a classe e consciência de classe. Para Thompson estas não seriam as primeiras a surgir, como é colocado geralmente no conceito de classes, para o autor seria somente através do processo de luta, que as pessoas se descobririam como classe e criariam a sua consciência de classe. Na sociedade existem grupos, que através das relações dos meios de produção, são explorados por outros grupos. Estes explorados descobrem que seus interesses são antagônicos aos de outros grupos,

passam por um processo de identificação e, durante o processo de luta coletiva por seus interesses, acabam por se enxergar como uma classe e a criar uma consciência da sua classe.

Essa consciência pode ser passada para gerações futuras. Thompson ainda ressalta que uma vez que a consciência de classe madura tenha se desenvolvido, os jovens podem ser “socializados” em um sentido classista e as instituições prolongariam condições para essa formação gerando costumes de antagonismos de classe que não correspondam mais a um antagonismo de interesses” (1965, p.274-275).

Se a classe é um dos fatores das relações de dominação, o gênero é outro fator de grande peso que permeia as relações de trabalho. O trabalho e a mulher nunca foram estranhos um para o outro: a mulher de camadas sociais mais pobres sempre trabalhou. Heleieth Saffioti (1976) afirma que a mulher em todas épocas e lugares tem contribuído para a subsistência de sua família para criar a riqueza social. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental. Para a autora, havia uma tradição de submissão da mulher ao homem nas sociedades pré-capitalistas. Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade física desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família.

Com o aparecimento do capitalismo, a situação da mulher se altera. Conforme a autora, no processo de individualização inaugurado pelo capitalismo, a mulher entraria com uma dupla desvantagem social: no nível superestrutural, haveria uma desvalorização de suas capacidades, que acabavam sendo traduzidas em mitos que tinham como objetivo justificar a supremacia masculina em relação a mulher e; no plano estrutural, à medida que se “desenvolviavam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção” (SAFFIOTI, 1976, p.18).

No mesmo sentido, Michele Perrot comenta que

(...) oprimida por uma dominação bicéfala em que o homem e o patrão se apoiam, o proletariado feminino oferece todas as características de um exército industrial de reserva: emprego flutuante, sem qualificação, suas

remunerações são inferiores acerca das remunerações dos homens, para os homens o salário da operária significava apenas um complemento de renda, algo temporário, a operária sofreu dupla opressão: como mulher e como operária.” (PERROT, 1998. p. 156)

Essa dupla opressão que se dá enquanto operária e mulher está ligada à maneira como a dominação é exercida tanto pelo marido quanto pelo patrão. Para este último, a operária é vista como uma mão de obra mais barata que a do homem e sem qualificação, podendo ser facilmente substituída, enquanto que o marido ou companheiro enxergaria o trabalho da mulher como algo complementar à renda familiar. Assim, o emprego dessas mulheres não era visto como algo permanente em suas vidas, sendo algo temporário, com certo tempo de duração. O gênero e a classe interferiram na vida da mulher trabalhadora de uma forma diferente.

O gênero, como afirma Saffioti, é fator que foi considerado fonte de inferiorização social da mulher por muito tempo. Nessa nova sociedade competitiva, o gênero acaba assumindo na sociedade, uma feição inédita e determinada pelo sistema de produção social. Seriam “as deficiências físicas e mentais dos membros da categoria sexo feminino que determinam a imperfeição das empíricas das sociedades competitivas” (SAFFIOTI, 1976 p. 19) . Ou seja, não seria a sociedade responsável pelos obstáculos que são colocados para mulher, mas sim a própria mulher que seria o responsável. Ela seria como Saffioti define “a figura do elemento obstrutor do desenvolvimento social”. (1976, p.19)

Joan Scott (1990) descreve o gênero como sendo dividido em duas partes. O gênero seria um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, mas também uma forma primária de dar significados às relações de poder. Para a autora, o conceito de gênero constrói e legitima as relações dentro da nossa sociedade; o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado.

Na primeira parte do conceito, Scott aponta quatro elementos interrelacionados: representações simbólicas⁷, conceitos normativos (que expressam

⁷ A autora traz como exemplo Eva e Maria, que representariam dois lados completamente opostos um do outro, um representaria a mulher fatal, pecadora, a escuridão e a outra seria a inocência, pureza e luz, nesses dois exemplos temos representado o bem e o mal, que foram usados para caracterizar a mulher ao longo da história (SCOTT, 1990). Michelle Perrot (1988) observa que a natureza feminina teria dois pólos: um maternal e benéfico e outro mágico, vermelho como o sangue maléfico, a mulher poderia ser a mãe, benevolente, ciente do seu papel de esposa e dona do lar ou

interpretações dos significados dos símbolos), fixidez dos papéis (uma permanência intemporal na representação binária do gênero) e, por fim, a identidade subjetiva do gênero. Para a autora, esses quatro elementos, que não operariam um sem o outro, comporiam a primeira parte da definição de gênero.

Como exemplo da fixidez dos papéis, pode ser mencionado aqueles que em geral são atribuídos aos homens e mulheres, sendo o homem o provedor do lar e a mulher esposa, cuidadora do lar e da família. Esses dois papéis aparecem em representações encontradas nos periódicos usados na pesquisa.

Na edição de *A Federação*, do dia 27 de junho de 1906, escrito por R. Teixeira Mendes, por exemplo, o artigo sustenta “que o homem deve sustentar a casa (...) a fim de que ela (a mulher) possa convenientemente preencher o seu santo destino social”(p.01). Neste caso, percebemos os papéis bem definidos tanto do homem quanto da mulher, sendo que o homem seria o responsável pela renda familiar e a mulher cabia o trabalho dentro do lar. A fragilidade da mulher acabava tornando o trabalho em fábricas ilícito, sendo que o trabalho da mulher deveria estar restrito à esfera doméstica.

A ideia da vulnerabilidade associada à mulher foi se construindo já nas sociedades pré-capitalistas e ajudou a fomentar a ideia de que a mulher precisa do gênero masculino para protegê-la, devendo ser submissa a ele. Esse quadro, que já era desvantajoso para as mulheres, se agrava com o surgimento do capitalismo, que alia a opressão de gênero com a de classe.

Para Saffioti (1976), a ideia de que a missão mais importante da mulher é o casamento e a procriação conduziu não propriamente a uma qualificação da força de trabalho feminino, mas uma especialização que destina às mulheres das camadas intermediárias as ocupações subalternas, mal remuneradas e sem perspectivas de promoção. Ainda para as famílias proletárias, foi por elas adotado (na medida de suas possibilidades) um modelo ou uma ideologia, oriunda da classe dominante: que a mulher deve ser exclusivamente dona de casa, guardiã do lar.

Essa concepção pode ser percebida em outro texto de *A Federação*, publicado em 24 de maio de 1917, escrito por Décio Coimbra “(...) O homem para a vida pública, a mulher para vida do lar (...) para bem desempenhar dos santos deveres da maternidade(..)” (p.01). Essas funções, segundo Mirta Lobato (1995),

poderia ser uma força desestabilizadora do homem, artilosa, manipuladora da qual o homem seria uma vítima.

seriam construções históricas, mas que no entanto passaram a ser naturalizadas, ou seja, passando a ideia de que sempre teria sido papel da mulher cuidar do lar e da família. Lobato ressalta que nessa tradição apareceriam elementos legitimadores de determinadas atribuições femininas que outorgariam a elas um caráter imutável e universal.

O modelo binário criado que determina os papéis de gênero está relacionado também à divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres foram relegadas a funções de menor importância na esfera pública. Daniele Kergoat (2009) sustenta que as condições sociais em que homens e mulheres vivem não são resultados das suas diferenças biológicas, mas sim das construções sociais existentes. A autora defende a existência das relações sociais dos sexos, relações que possuem uma base material, no caso o trabalho, e que se manifestariam por meio da divisão social do trabalho entre sexos. Neste sentido, a divisão sexual do trabalho não seria apenas a divisão das tarefas entre homens e mulheres, e sim uma relação de poder dos homens para com as mulheres.

Para Kergoat (2009), a divisão sexual é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo, sendo historicamente adaptada em cada sociedade e tendo por características a destinação prioritária para os homens da esfera produtiva e às mulheres a esfera reprodutiva. Ao mesmo tempo, há a ocupação dos homens em funções de alto valor social agregado, como cargos na esfera política, militar ou religiosa.

Essa divisão⁸ teria dois princípios organizadores. O primeiro é o da separação, já que existem trabalhos de homens e outros de mulheres. Essa separação pode ser vista na fala de um delegado operário durante uma exposição na França de 1867, citado por Perrot (1998) “o destino da mulher é a família e a costura (...) ao homem a madeira e os metais e à mulher a família e os tecidos” (p.171). O segundo princípio apontado por Kergoat (2009) seria o da hierarquização:

⁸ Kergoat (2009) ressalta que esses princípios que fazem essa divisão do trabalho, podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação- a ideologia naturalista, que relega o gênero ao sexo biológico e reduz as práticas sociais a papéis sociais sexuais, aos quais remetem ao destino natural, como por exemplo, a mulher são relegados trabalhos que são considerados próprios da sua natureza maternal e afetiva, como cuidadora, professora, enfermeira, além dos trabalhos domésticos, que seriam trabalhos que condizem ao seu papel natural de mãe, esposa, filha. Nesse papel é projetado a figura protetora e maternal, enquanto aos homens lhe são dados trabalhos e posições de comando, já que é esperado que o homem além do provedor, seja o chefe e líder do lar. Segundo Kergoat (2009) essa ideologia naturalista, seria fruto das construções sociais, sendo elas mesmo resultados das relações sociais.

o trabalho do homem vale mais que o da mulher, sendo a mão de obra feminina mais barata e o trabalho feminino considerado de menor importância, trazendo malefícios para as mulheres.

Além de classe e gênero, outro fator que vem “somar” nessa equação das relações de dominação é a raça. Biroli e Miguel (2015) afirmam que a dominação de classe assim como o racismo e sexismo operam juntos e restringem ou potencializam a trajetória das pessoas. Os autores ressaltam que os indivíduos seriam o ponto em que essas diferentes opressões se cruzariam, sendo a sua posição social resultado desse entrecruzamento.

Ainda segundo os autores “ a dissociação dessas variáveis pode levar a análises parciais, mas principalmente a distorções na compreensão da dinâmica de dominação e dos padrões das desigualdades”(p.29). Para poder compreender melhor as relações de dominação existentes na sociedade é necessário ter em mente que raça, gênero e classe atuam unidos e não de maneira separada.

Este capítulo apresentou um pouco das discussões sobre a figura da mulher operária na Primeira República, além de trazer algumas reflexões teóricas acerca de gênero e classe não de maneira separada, ou seja, uma análise interseccional. No capítulo seguinte, analiso mais profundamente as fontes encontradas nos jornais *O Exemplo*, *A Democracia* e *A Federação* e nele se pretende investigar as diferentes representações acerca dessas operárias.

2. A TRINDADE FEMININA- AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA IMPRENSA

“ A que não se submete às exigências arbitrárias, não já do burguês [...] mas às dos capatazes, ao serviço dos mesmos senhores, é desacreditada e maltratada por esses homens sem consciência, até o extremo de ter de optar entre a degradação e a morte”.

Jornal *Amigo do Povo*, 05 de setembro de 1902

No capítulo anterior, discuti os conceitos que norteiam a minha análise de 09 textos dos jornais *A Democracia*, *O Exemplo* e *A Federação*. Este segundo capítulo se tratará das análises dessas fontes, onde busco estudar os três diferentes tipos de representações da mulher operária que encontrei. Essa trindade seria:

1. a mulher frágil e indefesa;
2. a mulher/mãe/esposa que abandona o lar;
3. a ladra, a mulher que estaria “roubando” os empregos dos homens.

Este segundo capítulo está organizado da seguinte forma: a primeira representação a ser apresentada é da mulher frágil, seguida daquela que abandona o lar para trabalhar e por último será a mulher que está roubando os empregos dos homens. Esses modelos, que encontrei durante a minha pesquisa, estão em textos que, com exceção do Jornal *A Democracia* (*nos quais não há assinatura*), são assinados por homens.

Minha hipótese é que provavelmente as operárias possuíam uma visão muito diferente de si mesmas, mas infelizmente essa pesquisa não encontrou, nos jornais selecionados, nenhum texto que trouxesse uma outra representação ou um ponto de vista diferente quando o assunto era a mulher operária.

2.1 POBRE OPERÁRIA! QUEM PODERÁ DEFENDÊ-LA?!!

Fragilidade, delicadeza, docilidade são características associadas à imagem da mulher rio-grandense durante a Primeira República, descritas como virtudes femininas e que também foram usadas para moldar a figura da operária. Como menciona Margareth Rago, as operárias eram percebidas pelos jornalistas como mocinhas “infelizes e frágeis” (2004, p.485).

Um exemplo é a notícia sobre a questão do pagamento das costuras manufaturadas para o Arsenal da Guerra que saiu publicada em 1905 no jornal *A Democracia*. No artigo era noticiado que haveria uma troca do responsável pelo

pagamento dos trabalhadores, que passaria a ser a Delegacia Fiscal. Na visão da pessoa que escreveu o texto, isto seria um problema para as costureiras. De acordo com a publicação de 21 de maio

(...) Não sabemos se dessa mudança de lugar de pagamento advém qualquer vantagem para o governo, mas acreditamos piamente que ela vai facilitar a exploração da gananciosa agiotagem e prejudicar, portanto, muitas costureiras.(...) Replitamos agora com que dificuldades irão lutar as *pobres* costureiras, *cheias de acanhamentos, como em geral sucede às senhoras*, para andarem, talvez, de seção em seção, a fim de receberem o seu dinheiro, ganho sabe Deus com que sacrifício(...) Ora ante perspectiva tais, muitas *pobres costureiras* preferirão (...) (p.02, meu grifo)

A timidez e o acanhamento dificultariam à trabalhadora, de acordo com o jornal, exigir de uma maneira mais firme os seus pagamentos. Além de serem descritas como frágeis e tímidas, característica que seriam intrínsecas às mulheres, as operárias também eram consideradas mais dóceis que os homens, sendo essa uma das razões pelas quais seriam mais exploradas dentro das fábricas, como se pode ver em outro texto, também de *A Democracia*, desta vez de 30 de dezembro de 1906.

O pessoal operário da fábrica de fósforo, trabalha 11 horas por dia (...) é muito mal pago, não tem nenhuma garantia de estabilidade do salário e do emprego. Naquela fábrica os salários são mais baixos do que qualquer outro congêneres; e nela são muito aproveitadas para o trabalho as *mulheres e as crianças, porque estas são muito mais dóceis que os homens*_(p.04)

Esses atributos (fragilidade, timidez e docilidade) contribuía para construção da imagem de vulnerabilidade da trabalhadora, implicando na ideia de que a mulher precisaria sempre da proteção de um homem.

Em outra fonte analisada na pesquisa, também é possível ver esse quadro desenhado pela imprensa operária. Este trecho já foi citado anteriormente neste trabalho e corresponde à edição de 16 de abril de 1916 de *O Exemplo*. Mais uma vez vemos aí a representação inferiorizada da operária. O autor Mariano Garcia, ao longo do seu texto, denuncia a exploração da mão de obra infantil e feminina nas fábricas e explica as razões pelas quais crianças e mulheres não devem trabalhar na indústria. As operárias são retratadas como “*as pobres* mulheres casadas, viúvas ou solteiras, longe do seu lar, dos seus entes queridos(...) na fábrica envenenam os juízo das *infelizes*”(p.02, grifo meu).

Destaco que nesse texto há um outro ponto interessante. Ao se referir à exploração da mão de obra, o autor faz uma comparação entre as crianças e as mulheres, ao citar que “ (...) os capitalistas industriais modernos, assentam a sua exploração no trabalho das mulheres e crianças no duplo intuito de pagar menos, não ter tanto quem proteste, *porque mulheres e crianças nunca protestam*_(...)”(p.02, grifo meu). Com isso, os redatores acabavam relegando às trabalhadoras o papel de agentes passivos, que não possuem voz ativa para protestarem por melhorias no trabalho.

Esse papel de passiva não condizia com a realidade. Como já foi destacado por diversas autoras, como Isabel Bilhão (2005) e Glaucia Fraccaro (2018), havia uma grande presença feminina nos movimentos grevistas da época, o que acaba se contrapondo a essa imagem que defino como “donzela em perigo à espera de um cavalheiro para salvá-la”. Joan Bak (2003) também reforça esse fato ao apontar a grande presença feminina na greve de 1906 em Porto Alegre, enfatizando que os próprios operários reconheciam a importância dessa presença nos protestos. Ela observa que

As trabalhadoras se faziam ver e ouvir no movimento e eram proeminentes no espetáculo público, marchando como um grupo, usando laços vermelhos, carregando cartazes, aparecendo com líderes grevistas do sexo masculino e até falando, de vez em quando, em assembléias públicas.(...) As trabalhadoras organizaram e lideraram seus próprios grupos e manifestações grevistas,(...) Sua função crítica de transformar o movimento inicial em greve geral foi logo reconhecido por todos, não menos pelos líderes anarquistas e socialistas que procuravam seu apoio. (...) se mostraram dispostas a desafiar os empresários, a arriscar o confronto com a polícia, a assumir funções públicas e a organizar e a liderar ações grevistas, todas elas, medidas de sua experiência de exploração no local de trabalho. (BAK, 2003, p.219-220)

Essa operária da Greve Geral de 1906 é uma mulher que participa ativamente do movimento, sendo que o seu apoio foi algo que os líderes socialistas e anarquistas procuravam ter. Ela difere bastante da operária passiva descrita pelo redator de *O Exemplo*.

Ressalto que esses traços, além da candura e obediência, eram considerados atributos que faziam parte da feminilidade da mulher na sociedade gaúcha da Primeira República. Essa feminilidade, de acordo com Maria Rita Kehl (2008, p.65 *apud* MATTOSO e LEDERMANN, 2019, p. 70), seria uma “construção discursiva produzida pelo sujeito masculino, à qual se espera que a mulher corresponda”. Tais

características contribuíam para a divulgação da imagem de uma mulher muito vulnerável, o que a tornava uma presa fácil da exploração dos patrões, vindo a precisar da proteção e auxílio de um homem.

A figura da operária vulnerável foi encontrada principalmente nos jornais *A Democracia* e *O Exemplo*, sendo que neste segundo havia uma outra preocupação acerca dessa fragilidade que não encontrei no primeiro. Nos textos de *O Exemplo*, havia um forte receio de que a operária tivesse a sua honra maculada pelo seu patrão. A denúncia do risco de assédio sexual que a mulher poderia sofrer trabalhando na fábrica ou até mesmo a caminho dela é uma verdadeira preocupação para o jornal. Por ser um periódico da comunidade negra e direcionada para ela, é possível que essa questão se sobressaísse mais que na imprensa branca. E isso aconteceria talvez pela razão de que a mulher negra era um alvo maior do constante assédio por parte dos homens.

Em um dos artigos analisados, do dia 1º de maio de 1911, escrito por Silva Mansinho, é feita uma comparação entre o trabalho de uma caixeira de loja de fazendas e uma operária, sendo que a segunda correria um perigo maior ao assédio do que a primeira:

O pudor, os melindres de uma caixeira de loja de fazendas, está menos exposto a falta de educação de mequetrefes do que essas pobres senhoritas que perambulam diariamente pelas ruas da cidade, no vai e vem das fábricas, onde interna-se nas diversas seções, e ficam sujeitas ao suborno pernicioso dos capatazes caixeiros, caixas, guardas livros e quejandos. (p. 03)

É possível ver que, para o redator, o perigo que rondava uma mulher que trabalhava em uma fábrica não era restrito apenas ao interior do local de trabalho, mas se encontrava até mesmo na rota para o serviço, onde as trabalhadoras estariam expostas à falta de educação de “mequetrefes”. Nesse texto é possível ver mais uma vez a mulher desprotegida que tem a sua honra colocada em perigo tanto dentro da fábrica quanto fora dela.

Rago (2004) afirma que essa ameaça à honra feminina representada pelo mundo do trabalho estava presente nos discursos de diversos setores da sociedade, sendo que a fábrica era descrita como um antro de perdição, enquanto a trabalhadora era representada como ser passivo incapaz de se defender. A fábrica estaria associada a um lugar onde a moral e honra da mulher poderiam ser perdidos.

Seria perigoso para uma mulher estar trabalhando em um ambiente assim. A autora ainda ressalta que “essa visão está associada, direta ou indiretamente, à vontade de direcionar a mulher à esfera da vida privada”(2004, p.489)

Não era apenas o assédio sexual que era considerado perigoso. O simples fato de estarem expostas, como já mencionado por Bilhão (2005, p.160), a “palavras de baixo calão”, já era considerado um perigo sério. Em outro texto do jornal *O Exemplo*, de 1916, vemos esse tipo de situação. Ao narrar a demissão de um grupo de operárias da fábrica Fiação e Tecidos, o jornal diz

Hoje trazemos outro, à baila, devido à maneira distinta e edificante e distinta com que um grupo de antigas e laboriosas empregadas na Fiação e Tecidos desta capital preferiu as duras necessidades da vida aos palavrões ordinários dum incivil contramestre. Esse grupo constituído de 16 senhoras, quase todas casadas (...) outras solteiras, trabalhando pela subsistência de seus progenitores, responderam com o abandono do trabalho ao palavrão de sem vergonhas, proferido por aquele que, tendo a obrigação de manter o respeito no trabalho, deveria respeitar os que lhes estão afectos (*O Exemplo*, 17 de setembro de 1916 p.01)

Nesse texto de *O Exemplo*, a imagem das operárias difere um pouco da imagem de mulher vulnerável e frágil. Assim, por terem se negado a continuar trabalhando na fábrica por causa do insulto proferido pelo contramestre, essas trabalhadoras são elogiadas, e o jornal comenta que “foi de bela nobreza esse gesto das laboriosas operárias, que tudo sacrificam pelo bom nome dos seus maridos e filhos” (p 01). Para o periódico, portanto, as mulheres podem ser vistas como um exemplo de comportamento feminino considerado desejável, ao abrir mão de seus empregos a fim de conservar a sua moral e da sua família.

O comportamento dessas mulheres, difere da operária passiva, pois nesse caso, elas aparecem como sujeitos da ação se contrapondo ao patronato. A ação desse grupo de mulheres é bastante elogiado pelo autor do texto, João Jorge, que a usa também como exemplo para os homens trabalhadores:

Deixar passar tal fato sem louvor a esse distinto grupo que pode servir de exemplo a homens de caráter pusilânime,- que preferem abandonar o trabalho- não é justo visto que a dignidade não é direito exclusivo dos homens. (*O Exemplo* 17 de Setembro de 1916, p.01)

Enquadrar determinada ação de operárias como exemplo de comportamento correto para homens também foi uma estratégia usada durante a greve de 1906 em

Porto Alegre, porém com uma outra intenção. Bak relata o caso da operária que rompeu o relacionamento com o seu namorado, pois este apoiava o movimento grevista. Essa jovem foi vista como uma heroína. Bak cita que

O rótulo de heroína foi aplicado pela primeira vez pelo proprietário da indústria têxtil e depois foi aproveitado pelo jornal *A Federação*. Apresentando esse relato para edificação do público, o órgão do partido oficial tornou uma mulher modelo do “bom trabalhador”. (Bak, 2003, p. 215)

O caso citado por Bak, diferentemente do caso de *O Exemplo*, foi usado pelos patrões e pelo PRR para tentar inculcar no operário o “bom comportamento” e fazê-lo desistir da greve. Com um intuito diferente, a ação desse grupo de operárias da Fiação e Tecidos também foi retratada pelo jornal como um exemplo de comportamento a se seguir. Adjetivo como “laboriosas”, “dignas” são usados para descrevê-las, passando para o leitor a imagem de uma operária corajosa, disposta a perder o emprego, para manter a sua moral e a sua dignidade e também para proteger o nome da sua família. Sem mencionar as dificuldades que elas poderiam enfrentar ao perder a sua renda, a imprensa as retrata como heroínas. Dentre as fontes analisadas, esse texto foi o único que deixou um pouco de lado a “pobre” e “frágil” operária e a apresentou com diferentes cores.

A fragilidade se estendia também à saúde física das trabalhadoras. Os jornais salientam que a mulher possuiria uma constituição física e por conseguinte uma saúde mais frágil que a do homem. Assim, a fábrica seria um ambiente tóxico e portanto perigoso para a operária. No texto de *O Exemplo* de 1911, já citado, escrito por Silva Mansinho, a questão da saúde e do malefício que é para uma mulher trabalhar em uma fábrica também aparece.

O autor cita o caso das operárias cigareiras, explicando que elas estariam expostas a elementos químicos tóxicos: “(...) A saúde, o temperamento de uma caixeira não estão sujeitos às intoxicações letais e as alterações morais, como a saúde e o temperamento das cigareiras (...)” (p.03). Observe-se que, nessa passagem, a moral e saúde física da mulher estão ligadas e são ameaçadas pelo mesmo lugar que é a fábrica. Havia uma ideia de que as mulheres possuíam uma saúde muito mais frágil do que as dos homens e que a fábrica representava um duplo perigo, um perigo para o corpo e para alma.

Da mesma forma, Perrot assinala que

A mulher é, inicialmente, um corpo “fraco”, com “órgãos delicados”, “frágeis”, sujeitos a “indisposições periódicas”, corpo que condiciona seu humor instável. (...) Este corpo é ameaçado pelas máquinas que lhes infligem posições deformantes, doenças íntimas, que (as moças), não deveriam nem mesmo conhecer o nome.(...) A indústria destrói a beleza e, sobretudo, a saúde da mulher (...)” (PERROT, 1998, p. 177 e 178)

Estendendo a fragilidade para o corpo físico, a imagem de vulnerabilidade da operária aumenta. Ao representar a mulher operária como um ser extremamente vulnerável tanto pelas suas supostas qualidades morais naturais (timidez, docilidade, passividade) quanto por sua constituição física, os jornais analisados reforçam a mensagem de que a mulher não serviria para trabalhar em uma fábrica, sendo o lar o lugar mais seguro para ela.

Alguns dos textos do jornal socialista *A Democracia* nos quais aparece essa figura da operária frágil estão ligados à exploração que elas sofrem nas fábricas. Em um texto de *A Democracia*, intitulado “As costureiras”, do dia 28 de maio de 1905, é abordado a exploração que as costureiras estão passando nessa empresa. No texto é citado

Existe nesta capital uma firma comercial estabelecida na rua 15 de Novembro, que em concorrência aberta pela direção do Arsenal de Guerra, há tempos apresentou propostas daquela firma, para os outros é realmente de se espantar. (...) Assinado o contrato, porém, ao que parece, a firma reconheceu ter-se enganado no cálculo: e daí calculou outra coisa: tirar do trabalho da costureira que confeccionassem as polainas(...)Pronta e entregue a encomenda é quando começam as dificuldades para a *pobre costureira*(...) Se a *pobre vítima* protesta, ouve grosserias. (p.03)

Em outro texto do jornal, já citado anteriormente, do dia 21 de maio de 1905, em que se relata a mesma dificuldade de costureiras de receberem o pagamento pelo material produzido, as trabalhadoras são descritas como “pobres costureiras, cheias de acanhamento,(...) pobres costureiras”, a fragilidade é associada a essas mulheres. Cabe ressaltar, que embora os trabalhadores homens também sofressem com baixos salários e exploração, não eram descritos da mesma forma que as mulheres nos periódicos: a vulnerabilidade era somente associada ao feminino.

Havia outra imagem da mulher operária, que apareceu nos três jornais pesquisados: a da mãe e esposa que abandona o seu lar, seus filhos e marido. Essa será a próxima representação a ser estudada.

2.2 A OPERÁRIA QUE TROCOU O SEU LAR PELA FÁBRICA

A segunda representação encontrada nas fontes de imprensa consultadas é a da operária que abandona o seu lar e o seu papel de esposa e mãe. Essa ideia estava ligada ao fato da mulher trabalhar fora do lar. Na sociedade rio-grandense da Primeira República, o papel da mulher na sociedade era claro e se limitava à esfera privada.

Conforme Joana Pedro (2004) no positivismo de August Comte, o papel mais sublime que uma mulher poderia desejar era ser mãe. A autora ressalta que, dessa maneira, os papéis familiares de filha, irmã e esposa seriam uma preparação para o papel de mãe e, dentro desse retrato, a autoridade masculina e a submissão eram sinônimos de obediência e amor. Essa obediência por parte das mulheres se devia ao fato de serem vistas como seres delicados e meigos. Dentro dessa perspectiva elas não deveriam revidar e obedeceriam aos seus maridos.

Para os positivistas, a função feminina consistia em “ aperfeiçoar a natureza humana”, (PEDRO, 2004, p.248). A mulher seria a educadora, algo de grande responsabilidade, pois através dela as futuras gerações seriam moldadas, como William Ross Wallace fala em seu poema de 1865 *The Hand that rocks the cradle:* “a mão que balança o berço, é a mão que governa o mundo”. A função de educar era vista como uma grande missão da mulher dentro da sociedade. Assim, o trabalho fora do lar estaria fazendo com que as mulheres deixassem de lado o seu dever mais importante e, por conseguinte, o futuro das próximas gerações poderiam estar correndo risco.

Em alguns dos periódicos analisados não foi encontrada uma menção direta ao abandono familiar, mas era reforçado o papel da mulher como esposa e mãe. Em *A Federação* é possível encontrar esta representação. No texto do dia 27 de junho de 1906, R. Teixeira Mendes menciona que

(...) A esta questão prende-se a *preservação das mulheres*, anciãos e crianças do trabalho industrial. *O homem deve sustentar a mulher*- eis o melhor resumo prático de todo o programa moderno, disse Augusto Comte, a fim de que ela possa *preencher convenientemente o seu destino social*. O salário do chefe de família deve bastar para alimentar a esposa (...)” (p.01, grifo meu)

É bem clara aqui a função da mulher na sociedade, assim como o papel do homem como provedor da família, alicerçada na citação do próprio Comte, o formulador do positivismo. No mesmo texto é defendido que a mulher não deveria trabalhar na indústria. Em outro artigo de *A Federação*, desta vez do dia 24 de maio de 1917, escrito por Décio Coimbra, o autor sustenta que “ *o homem para vida pública, a mulher para a vida do lar (...) Antes de tudo preserva o lar*”. Ou seja: o lugar da mulher era dentro do seu lar e o seu lugar de atuação era na esfera privada.

O jornal *A Federação* parece prestar pouca atenção na operária pelo número de aparições deste tema nos periódicos que pesquisei. No entanto, no texto já citado do dia 24 de maio de 1917, que se intitula “ *A Eva Brasileira*”, é discutido o papel da mulher, a emancipação feminina e o feminismo. Em relação às operárias, é feita a seguinte afirmação: “*As nossas condições são outras, que não a do povo europeu. Falta-nos a mulher operária, que é exército nas fábricas*” (p.01).

Ao fazer semelhante comparação, me parece que é omitido ou desconsiderado pelo redator o grande número de operárias nas fábricas brasileiras, assim como as articulações feitas por essas mulheres dentro dos movimentos operários, no interior dos quais militavam por melhores condições de trabalho, bem como sua importante presença nas greves do período no Rio Grande do Sul, como já mencionado no primeiro capítulo.

No jornal *O Exemplo* se vê esse mesmo tipo de abordagem. Na edição do dia 16 de abril de 1916, aparece o seguinte texto, assinado por Mariano Garcia:

O que é preciso fazer par pôr cobro a essa exploração dos industriais não é regulamentar o trabalho das mulheres, não; é *deixá-las no lar*, ao lado dos seus entes queridos, e, as crianças só mandam para a fábrica, depois dos 14 anos de idade, isto os meninos, *porque as meninas devem viver no lar, ao lado dos seus, até que tenham que ir constituir, por sua vez, outros lares*. Os homens devem sofrer(...) nunca, porém enviar suas mulheres e filhas para essas escolas de prostituição, que são as fábricas (p.02, grifo meu)

Não há menções de um suposto abandono dos filhos por parte das mães. Porém, o texto ressalta que a mulher deve se manter no seu lar, de preferência até mesmo as solteiras, que só deveriam sair de suas casas quando fosse o momento de constituir a própria família. Permitir que as mulheres fossem para as fábricas seria um grande erro, pois poderia estar desvirtuando-as de seu “propósito”,

podendo levá-las a uma suposta queda moral, pois, como o autor mesmo escreve, as fábricas eram consideradas “escolas de prostituição”.

Essa construção ideal feminina se origina das classes burguesas latino-americanas, mas Mirta Lobato (1995), escrevendo sobre a Argentina entre o período de 1907 à 1970, explica que a generalização desse modelo foi aceito pelas classes subalternas. Porém, isto não ocorreu sem tensões, já que a própria experiência cotidiana colocava este ideal em questionamento. A realidade das famílias operárias diferia muito daquela das classes altas, o que provocaria conflitos entre o que era o modelo feminino e as escolhas enfrentadas pelas mulheres das classes operárias.

Por deixar o lar para ir trabalhar nas fábricas, as trabalhadoras eram vistas como mulheres em vias de abandonar as suas famílias. Rago (2004) observa que muitos acreditavam que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família e tornaria os laços familiares mais frouxos: as crianças cresceriam soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães e esposas dedicadas e muitas mulheres poderiam até mesmo perder o interesse pelo matrimônio e maternidade. Assim, o futuro da sociedade estaria ameaçado com a ida da mulher para o trabalho fora de casa.

No jornal *A Democracia*, em um texto escrito por Currelo Mendonça, do dia 12 de agosto de 1907, o autor discorre sobre a necessidade de escolas maternas para os filhos das trabalhadoras, ressaltando a preocupação sobre o que aconteceria com a criação dessas crianças, sem a presença das mães. Assim, mesmo sem intenção, a ausência das mães “ *expunha-os a deformidades físicas, à depravação resultante da ignorância e ociosidade a que os deixava expostos.*” (p.03) Essas crianças, abandonadas à própria sorte, que não poderiam mais contar com a presença da mãe no seu dia a dia, tinham o seu futuro ameaçado, podendo se tornar futuros delinquentes.

O trabalho feminino nas fábricas era considerado com características de abandono familiar. Contudo, essa grande preocupação refletida nos periódicos da época refere-se a trabalhadoras fabris. Em contraste, não encontrei nas fontes analisadas a mesma inquietação em relação a trabalhos considerados tipicamente femininos, como lavadeiras, cozinheiras, empregadas domésticas (muitas delas

deixavam os filhos com terceiros para ficar permanentemente na casa das patroas), ou até mesmo em relação a professoras.

Em relação a estas trabalhadoras, não aparece associada à figura da mãe que abandona seus filhos e marido. Acredito que por essas mulheres exercerem funções que são historicamente ligadas ao feminino, à esfera doméstica ou no caso da professora, no seu papel de educadora, papel que também é culturalmente associado à mulher, não há referências de que estas estejam deixando as suas atribuições. Também muitos desses trabalhos, como lavadeiras, cozinheiras e empregadas domésticas eram exercidas por mulheres negras, mulheres da qual a sociedade prestava pouquíssima atenção e que foram invisibilizadas por muito tempo.

Em *A Federação* e *O Exemplo*, além de os textos fazerem referência a esta representação de abandono familiar, existe um constante esforço por lembrar as mulheres sobre qual seria o seu lugar e papel na sociedade. Isto é perceptível em especial no jornal *O Exemplo*. Neste periódico, seja como operária de fábrica ou em outro ofício, a mulher trabalhadora estaria sempre abrindo mão do papel que seria o seu desígnio por natureza. Neste sentido, é possível ver nitidamente a influência positivista no jornal. Boa parte dos integrantes do jornal *O Exemplo* eram ligados ao PRR, segundo Perussatto (2018). Em 1904, boa parte de seus redatores já tinham aderido ao partido.

No artigo sobre as caixeiras, citado anteriormente, texto escrito por Silva Mansinho, é mencionado que

(...) acreditado negociante, desta capital recebeu, várias moças como caixeiras da loja(...) *Abertamente, não concordamos com a inovação.* Que na Europa e em outros lugares isso se faça(..) *Aqui porém não; há mil ocupações domésticas para as moças, sem que lhes seja preciso ocupação tão imprópria da sua modéstia e da delicadeza do seu sexo(...)* Houve também outrora um barbeiro que teve a peregrina ideia de buscar da Europa suas próprias filhas, para empregá-las ao seu estabelecimento e *podemos garantir que em nada foi feliz*”(p.03, grifo meu).

Este trecho deixa claro que não é apenas a fábrica que é um lugar impróprio para a mulher. Mais adiante o mesmo artigo cita que “(...) Já que a esposa, irmã e filha do proletário o quer o ajudar a lutar pela vida, que *ele as deixe labutando debaixo da coberta enxuta e vá para rua trabalhar(...)*” (p.03, grifo meu), o que parece reforçar não só a função da mulher assim como a sua esfera de atuação.

Ao longo dessa pesquisa também descobri que havia outra mulher que estaria “ameaçando” a sociedade, além da mãe e esposa que supostamente abandonava os seus deveres. Havia a ladra, a mulher que estaria roubando os empregos dos homens. Essa última representação, será apresentada no próximo subcapítulo.

2.3 A OPERÁRIA LADRA: A MULHER QUE ROUBAVA OS EMPREGOS DOS HOMENS.

Essa terceira representação está presente tanto no jornal *O Exemplo* quanto em *A Federação* e apesar de ambos os periódicos terem viés ideológicos diferentes, os dois concordam em apresentar a mulher operária como competidora, uma espécie de “ladra” (a expressão é minha) do trabalho do homem. Como já foi mencionado anteriormente, no momento de maior industrialização e de surgimento das fábricas no Brasil, houve um grande aumento do uso de mão de obra feminina dentro das fábricas, em especial na indústria têxtil. Também por ser uma mão de obra mais barata do que a do homem, a sua presença era grande. Com isso, era comum a ideia de que a mulher estaria roubando os empregos dos homens.

No texto do dia 16 de abril de 1916, do jornal *O Exemplo*, já citado anteriormente, é ressaltado esse aspecto:

De todas as questões que o nosso operariado, (...) a questão das mulheres e crianças nas fábricas, (...) os capitalistas industriais modernos, assentam a sua exploração, no trabalho das mulheres (...) . A exploração que se faz do braço das mulheres,(...) *afastar para longe o homem, tiram-lhe o trabalho, empurram-no para rua* (...) mas quem de nós viveu na fábrica, viu *suprimir o trabalho do homem e encher as fábricas de mulheres* (...). (texto de Mariano Garcia, p.02, grifo meu)

Além dos homens estarem perdendo os seus postos dentro das fábricas em razão da menor utilização da mão de obra masculina pela feminina, o jornal também pontua que muitos trabalhadores acabaram se entregando ao alcoolismo por terem perdido os seus empregos. O autor cita que “empurram-no para a rua, para a taverna, onde se embriagam”(p.03). Nesse texto, o fato das mulheres estarem nas fábricas é a razão apontada para que as oportunidades de empregos para os homens diminuíssem consideravelmente.

Esse receio não se estende somente para as mulheres que estão na fábrica. No texto já citado anteriormente de Silva Mansinho, de *O Exemplo*, há uma passagem em que o autor cita que “(...) *todos quantos arrepelem com o fato das mulheres passarem a exercer as resguardadas profissões, até então monopolizadas pelos homens(...)*” (p.03). A meu ver, tal trecho evidencia o temor do redator em relação à entrada da mulher no mercado de trabalho, em profissões ou funções consideradas masculinas. A apreensão gerada pela possibilidade, vivenciada pela sociedade da época, de que as mulheres pudessem vir a tomar os empregos dos homens não era exclusiva da imprensa operária.

De uma maneira mais sutil que *O Exemplo*, *A Federação* também trazia essa representação associada às operárias. Ao longo do texto publicado no dia 24 de maio de 1917, dois meses antes da Greve Geral de 1917, sobre a “Eva Brasileira”, é mencionado que “ (...) *Rivais na luta pelo trabalho* hão de se encontrar em outros lances da vida social (..)” (p.01, grifo meu). Nesta passagem, fica claro que a mulher era vista como uma concorrente do homem.

Como dito anteriormente, o temor de que as trabalhadoras estivessem tirando o lugar dos homens também vinha em forma de “conselhos”, que reafirmavam tanto o lugar quanto o papel social designado à mulher⁹, o que incluía a defesa de concepções como a de que “o lugar da mulher é o lar, do qual não deve ser arrancada, a mulher pode sempre viver com menos que os homens, pois as suas necessidades são menores (PETERSEN, p.89, 1987 *apud* BILHÃO, 2005, p. 162). Ao afirmar que as necessidades das mulheres seriam menores, passa a ser reforçada a ideia de que não há por que a mulher trabalhar fora do lar.

Esse tipo de estratégia foi encontrada nas páginas tanto *O Exemplo* quanto de *A Federação*. Porém, há diferenças. No órgão da imprensa negra, essa terceira representação da operária (a “ladra”) aparece de uma forma mais clara para o público leitor, o que demonstra a grande preocupação que existia sobre esse a

⁹ Dentro desse modelo com os ideários positivistas, assim como era estabelecido um modelo para as mulheres, também era estabelecido um modelo masculino, do homem provedor da sua família, autoridade máxima dentro do lar. A autora Pedro pontua que não eram apenas as mulheres que passavam por uma normatização, havendo alguns editoriais que citavam algumas regras para os jovens rapazes seguirem, a autora ressalta que provavelmente essas campanhas tinham como finalidade da construção da figura do pai, esposo e trabalhador, o qual viveria ao lado de uma mãe, esposa e dona de casa, o objetivo final era transformar homens e mulheres em “pais e mães responsáveis” (2004, p. 251). Todavia, é importante ter em mente que mesmo que ao homem também fosse dado um papel, esse papel não o restringia e o limitava, como o que acontecia com a mulher.

diminuição dos empregos para os homens entre a comunidade negra. Porém, a presença do mesmo tema em *A Federação* também evidencia uma concepção que unia grupos diferentes da sociedade rio-grandense à época.

Neste capítulo, através dos textos selecionados para essa pesquisa, tentei mostrar um pouco de como a operária era apresentada à sociedade pela imprensa da época. As três diferentes operárias presentes nas fontes representavam uma preocupação existente no imaginário da sociedade. Essas representações também eram ecos existentes das formas de sociabilidade da sociedade que acabavam nas páginas dos jornais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa foi possível analisar três representações da mulher operária na imprensa rio-grandense da Primeira República. Como ficou visível na rápida revisão historiográfica, a trabalhadora de fábrica frágil, ou que abandona a família ou ainda que está “roubando” empregos e oportunidades dos homens também são encontradas nos veículos de imprensa de outras regiões e tempos. Essas três personagens, encarnadas por vezes na mesma mulher, a operária, representariam um perigo rondando a sociedade.

De maneira muito clara é possível enxergar o grande receio existente na sociedade gaúcha do início do século XX, refletido nas fontes dos jornais, quando o assunto é a mulher trabalhar fora do espaço privado e, em especial, nas fábricas. Na primeira representação encontramos características físicas, mas sobretudo morais, como a passividade, a timidez, a delicadeza apresentados como traços inerentes da natureza feminina e que dariam à mulher uma aura de vulnerabilidade. Nessa posição vulnerável, a operária corria um grande risco tanto de ser explorada como uma mão de obra mais barata dentro das fábricas, mas também de ser vítima do assédio dos homens que as rondavam, em especial os seus patrões.

Com a imagem de uma “donzela em perigo”, essa trabalhadora precisaria de um homem para protegê-la dos perigos da fábrica, ou melhor ainda, como algumas das fontes nos informam, a melhor solução seria redirecionar essa mulher de volta para o lar e a família, onde estaria a sua verdadeira vocação. Isso me leva à segunda representação da trabalhadora, a da mulher que abandona o lar e a família em função do seu trabalho na fábrica.

Visto como um abandono as suas “nobres” funções, a mulher que ia trabalhar fora estava virando as costas para sua vocação natural. A influência do positivismo dentro da sociedade gaúcha conferia à mulher o título de “rainha do lar”. O papel da mãe era de grande importância, pois caberia a ela a responsabilidade de educação das futuras gerações. Desta forma, a operária estaria negligenciando o seu verdadeiro trabalho.

A terceira representação se apresentava como uma ameaça aos trabalhadores dentro das fábricas. Essa mulher retirava dos homens o seu sustento, ameaçando assim, também a função “natural” masculina: a de provedor do lar.

“Roubando” os empregos que eram dos homens, essa operária era vista como uma das razões pela qual o número de vagas de empregos para a população masculina haver diminuído. Essa pesquisa não se aprofundou em relação a isso, então não me é possível afirmar se realmente houve um aumento do desemprego masculino a partir da entrada da mulher nas fábricas no Rio Grande do Sul. Entretanto, através das discussões trazidas pelas autoras, é possível ver que existia um grande número de mulheres trabalhando dentro das fábricas e o fato de serem uma mão de obra mais barata que a masculina as tornava um atrativos para os patrões.

Através dessas três representações, foi possível enxergar o choque que existia entre o modelo ideal feminino criado pelas elites e pelo positivismo e adotado pelo restante da sociedade, e a realidade dessas mulheres trabalhadoras. Os papéis tão bem delimitados no passado poderiam naquele momento estar ameaçados com a transformação social provocada pela ida da mulher para a fábrica ou para qualquer outro emprego considerado tipicamente masculino. Reforço que quando as mulheres apareciam exercendo trabalhos que eram considerados femininos, ligados à esfera doméstica ou na educação, estas representações não aparecem.

Dos jornais analisados para essa pesquisa dou destaque ao jornal *O Exemplo*. Foi nele que encontrei os textos mais conservadores, dos quais é possível ver a ideologia positivista que o permeia. Nele encontrei as três representações da operária, enquanto que nos outros dois jornais, foi possível encontrar uma ou duas das três que foram apresentadas. Essa postura conservadora, de acordo com a autora Pedro (2004) poderia estar ligada com o fato que “os articulistas pretendiam mostrar o quanto eram diferentes da “escória” – maneira como era classificada pela elite branca a maior parte dos negros” (p.254).

Em *O Exemplo* também há algumas questões que são mais abordadas do que nos outros dois periódicos, como o assédio e o desemprego masculino. A questão do assédio a mulher, que apareceu em vários momentos nas fontes do *Exemplo*, talvez reflita a preocupação em torno do risco maior que a mulher negra sofria, que era provavelmente muito maior que uma mulher branca. Por outro lado, a preocupação maior com o desemprego dos homens com a chegada da mulher para fábricas talvez reflita um problema em torno da falta de ocupação da população masculina negra no período.

Outro ponto interessante sobre *O Exemplo* foi que não encontrei, nas fontes consultadas, nenhuma menção da questão de raça quando o tema abordado era a mulher operária. Com isso não pude contemplar nesta pesquisa, em função também do seu caráter limitado (TCC), como a raça influía no cotidiano da mulher operária desse período.

Após as análises das fontes e das breves discussões historiográficas e teóricas sobre gênero e classe, foi possível inferir que os jornais, apesar das suas diferentes ideologias e objetivos possuíam uma visão majoritariamente similar (em alguns casos, a mesma) sobre a mulher operária. Através da “trindade feminina” que aparece nas fontes, pode-se inferir que a concepção do que é ser mulher e quais seriam as suas atribuições são compartilhadas pelos três jornais independente das suas posições de classe e raça.

Esta pesquisa pode nos levar a formular questões para um eventual estudo, nosso ou de outros autores/autoras no futuro, como investigar se de fato a entrada da mulher nas fábricas nesse período levou ao desemprego dos homens no Rio Grande do Sul ou esse seria apenas um receio infundado da mente masculina. Outra questão interessante, de se abordar é sobre o operária negra rio-grandense, que a princípio não aparece nas fontes consultadas e parece não existir dentro das fábricas.

FONTES

Edições do Jornal *A Democracia*.

Sem título, 21 de maio de 1905, p.02

As costureiras, 28 de maio de 1905, p.03.

Sem título, 30 de dezembro de 1906, p.04

Escolas maternas, 12 de maio de 1907, p. 03.

Edições digitalizadas do jornal cedidas por Prof. Dr. Frederico Bartz

Edições do Jornal *O Exemplo*.

Ed.00014. *Mulheres e crianças nas fábricas*, 16 de abril de 1916, p.02.

Ed.00036. *Sem título*, 17 de setembro de 1916, p.01.

Edições disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

Ed. 00256 *Reportagem Amorosas (com srs caixeiros viajantes)*, 01 de maio de 1911, p.04.

Edição digitalizada jornal cedida por Prof. Dr. Frederico Bartz

Edições *A Federação: Orgam do Partido Republicano*.

Ed. 00149. *Os operários e o positivismo*, 27 de junho de 1906 p.01.

Ed. 00119 *Eva Brasileira*, 24 de maio de 1917 p.01.

Edições disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARAVANIS, Evangelina. **A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República: a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920)**. Revista *Mundos do Trabalho*, vol. 2, n. 3, janeiro-julho de 2010, p. 148--180.

BATALHA, Cláudio. H.M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro, RJ. Ed: Jorge Zahar, 2000, p. 79.

BAK, Joan. **Classe, etnicidade e gênero no Brasil: a negociação de identidade dos trabalhadores na Greve de 1906, em Porto Alegre**. Revista: *Métis: história & cultura* – v. 2, n. 4, p. 181-224, jul./dez. 2003

BILHÃO, Isabel. A. **Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920)** - Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005

_____. **Imprensa e educação operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920)**. Revista: *Educação Unisinos*. v. 20, p. 176-184, maio/agosto 2016 Unisinos.

BIROLI, Flávia. MIGUEL, Luis. F. **Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades**. Revista: *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27-55, jul./dez. 2015. 14

CASTELUCCI, Aldrin. **Guerra, revolução e movimento operário: as greves gerais de 1917-1919 no Brasil em perspectiva comparada**. In: SPERANZA, C.G. (org) *História do trabalho: entre debates, caminhos e encruzilhadas*. Jundiaí, Sp. Ed: Paco Editorial, 2019.

COELHO, Fabiano. **O conceito representação e a sua contribuição à análise do Jornal Sem Terra**. Revista: *Fronteiras e Debates*, Macapá, v.01, n.2 jul/dez. 2014.

ELMIR, Cláudio.P. **Uma Aventura com a Última Hora: O jornal e a pesquisa histórica**. Revista: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 19, n. 36, p. 67-90, dez. 2012.

FRACARRO, Gláucia. **Os direitos das mulheres: organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937)**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2018

KERGOAT, Daniele. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: HIRATA, Helen. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009, 341 p. Ed. Unesp, 2009.

KERGOAT, Daniele. HIRATA, H. **A classe operária tem dois sexos**. Revista: Estudos Feministas. V. 2, nº 1, p. 93-100, jan/jul 1994.

LOBATO, Mirta.Z. *et al.* **Mujer, trabajo y ciudadanía**. Buenos Aires. AR. Ed: Clacso. 1995.

LUCA, Tania .R. de. **Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos**. Ed. Contexto, 2005. PINSKY.C.B (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, SP. Ed: Contexto, 2005. 304 p.

MATOSO, Caroline.D. LEDERMAN, Luana.S. **A resistência das operárias da fábrica Rheingantz aos métodos punitivos: Transgressões no ambiente Fabril.(Rio Grande 1920-1968)**. Revista Ars Histórica, ISSN 2178-244X, nº19, jul./dez. 2019, p. 55-79.

MULLER, Liane.S. **O Exemplo: O jornal negro cujas as raízes estão perpetuadas na irmandade do rosário de Porto Alegre**. In: SILVA. F.O., SILVA, S.C.A., PERUSSATTO, M.K. e WEIMER, R.de A., (orgs). **Ciclo de debates sobre o jornal O Exemplo: temas, problemas e perspectivas**. E-book. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/#ebooks>. Acesso em: 30.04.2021

THOMPSON. E.P et. al. **Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”**. In: NEGRO, A.L. SILVA, S. **A peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP. ED: Unicamp, 2001. 287 p.

PEDRO, Joana M. **Mulheres do Sul**. Ed. UNESP, 1997. In: EL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, 678 p.

PERROT, Michele. **Mulheres ou os silêncios da história**. Michelle Perrot/ tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo, SP: Ed. Paz e Terra, 1988.

PERUSSATTO, Melissa. **Arautos da Liberdade: Educação, trabalho e cidadania nos pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c.1892-1911)**. Orientador: Fábio Kühn, 2018, p.344. Tese (Doutorado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PETERSEN, Sílvia R. F., SILVA, N. G. **A Democracia: Um jornal operário (Porto Alegre, 1905-1907)**. 1 CD-ROM

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: EL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, 678 p.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis, RJ: Ed: Vozes, 1976.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil de análise**. *Educação & Realidade*, v.18, n.2, jul./dez. 1990, traduzido da versão em francês. p.86-87

SCHMIDT, Benito B. **De mármore e de flores: a primeira greve geral do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, outubro de 1906**. Porto Alegre, RS. ED: UFRGS, 2005 p.96.

SOUZA, Flávia F. **Trabalho doméstico: considerações sobre um tema recente de estudos na História Social do Trabalho no Brasil**. *Revista Mundos do Trabalho* vol. 7 n. 13 janeiro-junho de 2015 p. 275-296

A Democracia. Sem título, 21 de maio de 1905, p.02

Dr. Antonio Ruchheim
Rua Firadentes, 99°/A
Post. Off. 14

A DEMOCRACIA

Anno I Orgão Operário Nr. 4

Porto Alegre, 21 de maio de 1905.

Expediente

Proprietarios - Diasio & C.
 Redactor - Francisco Xavier da Costa
 Assinaturas Anno, \$3000; annu-
 ses, \$2000; pagamento adiantado.
 Numero avulso 500 reis.
 Anuncios e outras publicações pelo
 que se convenienciar.
 Publica-se aos domingos.

Carta aberta

no illm. sr. dr. José Montauray de Aguiar Leitão
 Intendente deste municipio

Sr. doutor!

Permiti que, antes de tratar do assumpto capital desta carta, eu tenha o prazer de apresentar-vos sinceros cumprimentos, — sinceros porque assim os mereces como funcionario publico honesto e sem torberba.

Vossa senhoria extranhará, talvez, que um obscuro lithographe, a quem deram a honra de confiar a redacção do unico orgão operario aqui existente, tenha a coragem de, sem ser, pelo menos, vosso conhecido, dirigir-vos a presente carta.

Extranhareis, sr. dr., que, nesta época em que, até para um pobre diabo ser empregado como simples praça da policia administrativa, é costume apresentar-vos como passaporte, aldis dispensavel, sup- porcho, para a vossa attenção, um cartoticho firmado pelo sr. coronel Marcos Alencastro, eu, que apesar de não me julgar isento de merecer tambem o epitheto de pobre diabo não preciso, entretanto, mendigar emprego publico porque tenho um officio e animo para, por meio d'elle, manter a minha independencia politica, venha a vossa presença pedir (vede como isto é triste, sr. doutor!) algo em beneficio de uma centena de homens, pais de familia muitos dentro elles, que talvez não me conheçam pessoalmente, porém que são meus irmãos tambem, — irmãos pelas condições pecuniarias, irmãos de classe, operarios como eu!

Extranhando, embora, não deixo de ler toda esta carta...

Ninguém é por nós, operarios, nas redções de cede além os que

gos, que o desejo dos operarios é que o governo torneos soldados para lhes limpar as botinas...

E' logico, é natural, é necessario mesmo, portanto, sr. dr., quando seio do elemento proletario haja quem seja do pistoniemo, que seja cossido bastante para dizer, em publico e raro, as cousas como as cousas são; é necessario, ainda, sr. dr. intendente, que succedea o que succede agora: que emerja da classe operaria porto-alegrense um impetoso ou cochador que, rompendo as pelas das conveniencias burguezas, venha, do alto de uma columna de jornal, bradar que á sombra do vosso honrado nome, sr. dr. Montauray, explerem demasadamente uma centena de pobres trabalhadores!

Vossa senhoria, que nasceu, criou-se, educou-se, fez-se homem para o *struggle for life* e diplomou-se em meios bem diversos do nosso, não sabe — e ninguém o condemna por isto — que difficil é a vida do simples operario.

Julgam muitos, sr. dr., que por elle não poder trajar casimiras, e andar quasi sempre sem collarinho nem pancho, mal vestido, quando não descalço até, não deve ser considerado um humano com direito ao bom-estar; julgam isto aquelles que podem flunar, no elegante oelo da abastança, pela rua dos Andradas e pela praça d'Alfandega, pelos cais e...

pelas casas de tolerancias onde pagam generosamente, com dinheiro extorquido ao trabalho do pobre, as facéis blandicias das profissões do vicio.

Para muitos daquelles que fazem a dignidade de finas ignorias do jantar mollemente estrados em poltronas, enquanto a esposa dedilha ao piano uma phantasia qualquer, é quasi uma obtusação do misero proletario pensar que deve ter um lar tambem, embora modestissimo, e neste lar mãe ou irmão, esposa e filhos amorosos, alimentados e vestidos convenientemente.

Aquelles, as nossas aspirações, collectivas ou individuaes, por mais simples que sejam, provocam meu humor e fazem pensar em florestas do sabres, em espingardentistas, em cargas de cavalleria, no povoamento do Acre e no augmento do pessoal das officinas

pre e unicamente de sanguessuga sollocada ás veias do operariado, — principio este arralgado em nosso meio tempormente, sem nenhuma razão justa que o autoriza.

E bem pôde ser que, deste principio, o fim seja transformar a nossa classe em novo Promethea acorrentado ao rochedo da miseria para que melhor possa arrancar-lhe as entranhas e abstrer do capitalismo...

Não nos iluzimos; e é por isto que penso a pouco o animo do trabalhador, aqui, torna-se sombrio, — desse sombrio semelhante ao do céu que pronuncia tempestade...

Leitão, o famoso philosopho, julgaria isto um bem, tal como pensam, aqui, os que não são proletarios.

Eu, porém, não, sr. dr.! Não posso seguir a doutrina do piedoso sabio allemão, porque já tenho visto nesta terra, muitas vezes, boas operarios rebelarem-se contra a ingratitude burguesa que faz encarcerar mais e mais o pio quotidiano que elles, na santa contração ao labor, buscarem conquistar, esforçadamente, para os seus, a rebellando-se, como si a exploração de sentimentos lhes houvesse espedaçado, fibra a fibra, o coração, perderem o vigor moral, a noção da propria responsabilidade e tornarem-se, assim, inuteis a si, á familia e á sociedade.

Foram fracos, dirão. Sim; mas foram fortes, antes disto, na pugna pela conquista do pão; entraqueem-se, abatem-se, annullam-se o principio ou systema de iniqua exploração de suas forças em proveito alheio quasi que unissamento; dominam-se a convicção da inutilidade de seus esforços em beneficio seu e da familia; da convicção gerou-se o desanimo e este, bem o deveis saber, é a morte moral do individuo.

Foram victimas, pois, direi melhor, da iniquidade dos detentores do capital.

Perque dóis, sr. dr., a um operario trabalhar, trabalhar muito, alisar-se honradamente num estabelecimento fabril ou numa construção, ter consciencia de que por seu esforço faz já a viver relativamente bem, a gozar um pouco de felicidade, ao menos, no

vestido para substituir o que tem e já está impossivel de ser remediado...

Si reclama augmento de salario, o patrão, que vive bem e regaladamente quasi sem trabalhar, despende-o, e elle talvez não encontre serviço em outra parte, melhor remunerado. E soffra, portanto...

Dave tambem dizer a' alma, sr. dr. Montauray, moçojar sob o rigor do sol, cavar a terra á picareta, á coxida e á pé, arrastar areia, tijolos, pedra e barro durante longas horas e em continuação vas e vom, partir grão de marfio, constarar paredes, trabalhar semfim, como servente ou como peão de obra na construção das caixas d'agua dos Moihões de Vento e ao fim do dia, exaustão e com o physico abatido pela fadiga, ter ganho apenas o míagudo salario de 24400 rs. eu, no maximo, de 38000

Vossa senhoria tem coração o é dotado de espirito justiceiro, affirmaram-me isso; e é por isto motivo que peço a vossa attenção, o vosso interesse em favor da consciencia dos homens, muitos com encargos de familia e que ali trabalham porque tem necessidade absoluta de ganhar algum dinheiro.

Interromeram-me que existo occupado por vós uma tabella de salarios para aquelles trabalhadores; disseram-me que ella estabelecida a diaria de 25000 para os de 3ª classe; 35000 para os de 2ª e 34500 para os de 1ª, e entretanto, sr. dr., os salarios que ali pagam são de 24400 a 34000 apenas!

E' inique isto!

Como se poderá sustentar um homem percebendo apenas aquella diaria e sujeito a perda de dias uteis de trabalho quando chove?

Occasões tem havido que os operarios ao terminar a quinzena não recebem sequer o correspondente á metade da mesada, devido a interrupções motivadas por máo tempo.

Allie-se, agora, a isto, os casos de enfermidade, bem facéis de ocorrer attendendo-se á natureza e ás condições do trabalho, e reflecti, sr. dr., a que ficam reduzidos pobres trabalhadores!

Si os patrões particulares entendem, em regra geral, que não